

## HISTÓRIAS DO CORPO E DO FEMININO NO BRASIL DO TEMPO PRESENTE

EDNA MARIA NÓBREGA ARAÚJO  
JOEDNA REIS DE MENESES\*

O corpo é um signo da história. Cada corpo, longe de ser apenas constituído por leis fisiológicas, supostamente imutáveis, não escapa à história. (SANT'ANNA, 2000, p.50, apud NECKEL, 2003, p. 54). Ou seja: não se pode pensar o conceito de corpo apenas a partir dos aspectos biológicos: dos seus ossos, dos seus músculos, órgãos, pele e sentidos. O corpo “é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam” (GOELLNER, 2003, p. 29). O corpo é “mutável e mutante” não apenas pelos fatores fisiológicos que sobre ele se operam, mas também pelos fatores sociais e culturais que a ele se atribui. (Idem. Ibid, p. 29).

Para Goellner (2003), pensar o corpo como histórico é pensar a sua tessitura a partir da cultura e da linguagem. Esta perspectiva rompe com a forma naturalista pela qual o corpo foi pensado, explicado, classificado e tratado.

O corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. Não é, portanto, algo dado a priori nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz. (Idem. Ibid: 28).

Ainda sobre o corpo, Goellner afirma:

O corpo é também o que dele se diz e aqui estou a afirmar que o corpo é construído, também, pela linguagem. Ou seja, a linguagem não apenas reflete o que existe. Ela própria cria o existente e, com relação ao corpo, a linguagem tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades, instituir, por exemplo, o que é considerado como corpo belo, jovem e saudável. Representações estas que não são universais nem mesmo fixas. São sempre temporárias, efêmeras, inconstantes e variam conforme o lugar/tempo onde este corpo circula, vive, se expressa, se produz e é produzido. (Idem. Ibid: 29).

“A linguagem institui o que pode ser considerado como belo”. É a partir da linguagem, evidentemente, que o conceito de beleza é construído. O corpo é múltiplo.

---

\* Universidade Estadual da Paraíba, Doutoranda, CNPq, edital de financiamento universal 14/2009.

A multiplicidade dos seus sentidos pode ser reconhecida ao observarmos as diferentes alterações do seu conceito ao ser atravessado pelo tempo.

Na obra *Vigiar e Punir*, Foucault procurou narrar o advento da modernidade como construtor de uma nova forma de poder que, necessariamente, não precisava ser exercido por um grupo ou por uma instituição específica, mas que conseguia se fazer presente no cotidiano e no contexto de construção do mundo capitalista. Para ele, esta nova forma de poder passou a ter um forte desempenho no controle dos corpos e buscava a transformação dos mesmos em dóceis e úteis:

(...) Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. (...) Não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica - movimentos, gestos, atitude, rapidez. (...) Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade. São o que podemos chamar as disciplinas. (FOUCAULT, 1987: 126).

Na sociedade capitalista, o corpo e as formas de controle que sobre ele deveriam ser exercidas, ainda segundo Foucault, foram organizadas através da associação da disciplina com a medicina.

O capitalismo desenvolveu-se em fins do século XVIII e início do XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política. (FOUCAULT, 1989: 80).

O argumento de Michel Foucault é que o ataque capitalista ao corpo foi construído a partir do poder médico. Ao tratar do *“Nascimento da Medicina Social”*, Foucault demonstra que a sua constituição teve três momentos distintos: medicina de Estado, medicina urbana e medicina da força de trabalho<sup>1</sup>, o que lhe permitiu afirmar que nem sempre a medicina foi voltada para a relação corpo / força de trabalho.

Segundo Foucault, no século XVIII, já se podia visualizar a medicina atuando com características civilizatórias. Essa medicina, que ele denominou de urbana, surgiu com vistas a reduzir o medo provocado pelo crescimento das cidades, medo das fábricas, da população numerosa demais, das epidemias.

---

<sup>1</sup> Consultar: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989. p. 80.

Segundo Foucault (1989, p. 97), foi essa medicina urbana que influenciou a chamada medicina científica, a qual apareceu, no século XIX, sobretudo na Inglaterra. Foi uma medicina elaborada a partir da preocupação com o enfraquecimento e a degeneração da espécie. Ela buscava o fortalecimento dos indivíduos e a conseqüente melhoria de sua saúde e bem estar. Esta medicina agia tanto para controlar a saúde do corpo das classes mais pobres, objetivando torná-las aptas ao trabalho, quanto para torná-las menos perigosas às classes ricas.

O corpo passava, assim, a ser esquadrinhado pela medicina, sendo possível constatar uma relação entre a medicina, o capitalismo e o conceito de disciplina. Um corpo saudável, dócil e submisso, fabricado pela disciplina, permitiria uma maior exploração da força de trabalho:

(...) O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. (...) A disciplina aumenta as forças do corpo em termos econômicos de utilidade e diminui essas mesmas forças em termos políticos de obediência. (FOUCAULT, 1987: 127).

Em nome da saúde do bem-estar, a medicina passou a controlar os corpos a partir de “diferentes métodos disciplinares: a classificação das paixões, a definição do que seriam desvios sexuais, as aparelhagens para corrigir as anatomias defeituosas, os banhos de mar, a modelagem do corpo por meio da atividade física”, a criação de tabelas que servissem de base para classificar e estabelecer valores da média da população em peso, idade e nas aparências físicas predeterminadas. A medicina criou “um conjunto de saberes e poderes que investiram no corpo e nele se instauraram, voltados para a educação da gestualidade, a correção do corpo, sua limpeza e higienização” (GOELLNER, 2003, p.35).

As mudanças históricas do conceito de corpo, sob a intervenção da medicina, da ciência e do capitalismo, possibilitaram a emergência, ao longo do século XX, de novas práticas cotidianas voltadas para garantir aos corpos força física, vigor, robustez, dinamicidade e energia, a serem conquistadas, também, com a prática dos banhos de mar, dos passeios ao ar livre, da ginástica, do não uso do espartilho<sup>2</sup>, este último

---

<sup>2</sup> Espartilho: couraça de ferro que objetiva moldurar, prender as carnes da cintura feminina.

apontado, pelo discurso dos higienistas do final do século XIX, como causador de deformações nos corpos femininos.

Com o passar do tempo, as mulheres se livraram do espartilho e do excesso de roupas, emergindo um discurso defensor da necessidade de liberdade das próprias gordurinhas que antes eram comprimidas e controladas pelo aperto da cintura e escondidas pelas vestimentas. No entanto, o suplício do espartilho não foi substituído por um alívio mas, sim, novos sofrimentos e sacrifícios foram construídos. Aos corpos femininos mais volumosos não era aplicada mais a crítica e a proibição dos higienistas que eram contrários ao uso do espartilho. Com o apoio do discurso médico, diante do respeito que apresenta ao orientar as pessoas com o objetivo de garantir a saúde, os corpos femininos passaram a ser literalmente atravessados pelas ginásticas que, ao longo do século XX, foram sendo enunciadas como moda e sinônimo de saúde e bem estar. “O corpo humano não parece ter se libertado das dolorosas amarras que ao longo dos tempos o confinaram. Ao contrário, novas e mais poderosas forças socioculturais emergem dispostas a escravizá-lo.” (SIBÍLIA, 2007, p. 132/3).

A ginástica passou a ser justificada pelo seu caráter educativo, pelo caráter terapêutico e pelo desenvolvimento da força e da beleza. Ela passou a ser associada à saúde, qualidade de vida, longevidade e beleza. Era preciso “oxigenar as carnes, e alegrar-se graças ao equilíbrio saudável do organismo. A elegância feminina começou a rimar com saúde”. (DEL PRIORE, 2000: 63).

A exposição de corpos femininos invariavelmente jovens, malhados, bonitos, parece ser o atestado das mulheres saudáveis e o passaporte para a felicidade de todas aquelas que se submeteram às recomendações do discurso midiático sobre saúde e estética.

Encontrar-se atenta às medidas e ao peso, tornou-se indispensável para enunciar os sentidos do corpo ao longo do século XX. “Nas últimas cinco décadas, o ‘peso ideal’ foi um dos indicadores mais importantes de boa saúde. [...] O que significa que a cinturinha de pilão deixou de ser apenas preocupação estética para se transformar em recomendação médica. O objetivo agora é eliminar aquela ‘barriguinha’, nociva à estética e à saúde.” (NEIVA, Veja, Disponível em: <http://www.veja.com.br/> Acesso em: outubro 2007).

Naturalizou-se a produção de corpos “bem-construídos”, com proporções equilibradas. Esta produção é construída a partir de muito esforço nas academias. Esse esforço também é naturalizado e tomado como necessário e agradável. Desagradável, afirma-se, é a idéia de exhibir o corpo obeso ou fora da forma estabelecida como correta como mostra a matéria da Revista Veja:

Se você está sozinho no quarto, fique à vontade e vá para a frente do espelho. Esta é a hora da verdade. Muito provavelmente você não está contente com o que vê. Os pneuzinhos nos flancos, o abdome flácido, os braços finos, as pernas rechonchudas – nada disso combina com a imagem que gostaria de ter e desfilar na praia ou na piscina. Mas não desanime. Dá para melhorar bastante seu corpo se você se dispuser a malhar imediatamente. Um bocado de gente começou há pouco. Cerca de 500.000 brasileiros recorreram às academias no mês passado [outubro], num movimento que se repete de meados da década de 90 para cá. Na antevéspera do verão, os centros de narcisismo explícito registram um aumento de 25% no número de matrículas. (...) Ninguém se transformará num Paulo Zulu ou numa Gisele Buindchen, é claro, mas a vergonha de tirar a camiseta ou a canga diminuirá consideravelmente. (Veja, 28/11/2001).

É importante observar a presença, no cotidiano das cidades, das modernas academias de ginásticas que prometem maravilhas, através dos inúmeros aparelhos, cada qual dedicado a uma parte do corpo e, assim, corpos vão sendo redesenhados e reconstruídos.

No decorrer dos anos de 1990, os exercícios passaram a fazer parte quase que de forma obrigatória dos programas de emagrecimento. A busca desenfreada por malhação acentuou a concorrência entre várias academias. Elas buscam inovar no sentido de atrair e aumentar o número de clientes.

Nas matérias das revistas, a prática de exercícios físicos, popularizados como malhação, com *personal trainer* ou não, comumente é enunciada com uma forte associação à alegria. E a alegria de *malhar* relacionada às novidades dos equipamentos ou das modalidades de exercícios que são oferecidos nas academias.

Exercícios em academias tendem a ser mais produtivos que os caseiros porque os aparelhos evoluíram de maneira impressionante. Na década de 80, os parques conhecimentos de fitness, aliados aos equipamentos arcaicos, concorriam para que o aluno tivesse um desempenho pífio. Em noventa dias, sua capacidade física (músculo e fôlego) melhorava no máximo 15%. Atualmente, esse número pode chegar a 60%. (...). (Veja, 28/11/2001).

Neste sentido, no final do século XX, a exibição, a “descoberta” do corpo construiu uma nova moral: a moral da chamada *boa forma*.

Devido à mais nova moral, a da boa forma, a exposição do corpo, em nossos dias, não exige dos indivíduos apenas o controle de suas pulsões, mas também o (auto)controle de sua aparência física. O decoro, que antes parecia

se limitar à não-exposição do corpo nu, se concentra, agora, na observância das regras de sua exposição. (GOLDENBERG; RAMOS, 2002: 27).

Seguindo essa reflexão, Goldenberg e Ramos (2002, p.28) afirmam que “mesmo a exibição do corpo nu, não é considerada, muitas vezes, tão indecente quanto à exibição de um corpo ‘fora de forma’.

As reportagens das revistas, comumente, chamam à atenção para os pontos positivos que a prática da ginástica afirma proporcionar aos indivíduos, misturando os enunciados acerca das formas adquiridas pelo corpo (corpo esculpido) com as temáticas voltadas para a saúde e satisfação pessoal:

Que exercício faz bem para o corpo ninguém dúvida. Mas o melhor é que o saudável hábito de reservar uma hora do dia para malhação está se tornando um santo remédio contra a solidão. Pelos parques, em meio a suarentas sessões de corridas, alongamentos ou musculação, velhos amigos colocam novidades em dia, novas amizades florescem e até bonitas e duradouras histórias de amor. (...) A combinação entre corpos bem moldados metidos em shortinhos minúsculos e camisetas colantes pode despertar paixões. ( Isto É. 15/11/1997).

A palavra beleza não aparece na citação acima. No entanto, o padrão de beleza para os corpos está apresentado e a sua positividade pode vir a produzir um amor. “Remédio contra a solidão”, os exercícios físicos movimentam os corpos que vivem nos parques, que se encontram, que são atravessados pelo conceito de beleza e, enfim, que são felizes.

Sobre a prática cotidiana de exercícios, Maria Lúcia Rodrigues Pessoa, 46 anos, psicanalista, afirma: “Estou mais disposta, minha pele está mais bonita e até pareço mais jovem. Não quero parar nunca mais.” (Marie Claire, out/99, p. 12.).

Segundo Alex Branco Fraga (2006, p. 28), para que os serviços voltados para se perder peso “sejam consumidos de maneira mais efetiva e duradoura, com o menor índice de abandono possível, é preciso, primeiramente, que seus usuários consumam idéias. Para aumentar esse tipo de consumo é preciso aumentar a visibilidade da idéia-produto e de seus ‘postos-de-venda.’”

Até os anos de 1980, era comum encontrar apenas nas revistas denominadas de femininas, reportagens voltadas para os cuidados com o corpo através da ginástica. Nos anos de 1990, porém, as revistas *Veja* e *Isto É* se apropriaram deste tema com frequência, inclusive através de reportagens de capa. É inegável, portanto, que, ao lado das revistas femininas, essas revistas também exerçam uma forte influência sobre as

mulheres. Elas revelam a incorporação do padrão por não terem nas mulheres um público específico.

Nos últimos anos, acentuou-se a compreensão de que a mídia possui uma habilidade inegável quando se trata de elaborar valores e seduzir as pessoas a partir dos ideais que apregoa. Assim, o papel das principais fontes utilizadas na nossa pesquisa, revistas *Veja* e *Isto É*, pode ser considerado decisivo na construção de imagens para os corpos.

Característica de uma sociedade de abundância que considera a gordura ‘ruim’ e a obesidade ‘vulgar’, a estética da magreza é imposta pelo sistema da mídia, que intima as mulheres a seguir dieta e fazer ginásticas sempre novas: aeróbica, aeroginástica, antiginástica (...), musculação, alongamento, aeróbica turbo etc. (...) Esse culto do próprio corpo exige sacrifícios: em primeiro lugar financeiros (proporcionalmente, gasta-se menos em roupas e mais para ‘manter’ a aparência); a seguir éticos, visto que os meios de comunicação nos repetem que ‘a pessoa tem o corpo que merece’, o que leva a um novo sentido de responsabilidade. Esse corpo a ser produzido, desnudado na praia, deve estar de acordo com os cânones do momento. (VINCENT, 1992: 311-312).

As reportagens das revistas *Veja* e *Isto É*, produzem discursos enaltecendo os benefícios para a saúde que as atividades físicas são capazes de possibilitar. Nesse sentido, os especialistas recomendam e antecipam os milagres das atividades físicas realizadas com o objetivo de melhorar a saúde e a forma dos corpos.

Se a sociedade dos produtores coloca a saúde como padrão que seus membros devem atingir, a sociedade dos consumidores acena aos seus com o ideal da aptidão (fitness). Os dois termos – saúde e aptidão – são frequentemente tomados como coextensivos e usados como sinônimos; afinal, ambos se referem aos cuidados com o corpo, ao Estado que se quer que o corpo alcance e ao regime que se deve seguir para realizar essa vontade. Tratar esses termos como sinônimos é, porém, um erro – e não meramente pelos fatos conhecidos de que nem todos os regimes de aptidão ‘são bons para a saúde’ e de que o que ajuda a manter a saúde não necessariamente leva à aptidão. (BAUMAN, 2001: 91).

Os discursos que propagam a idéia de saúde, beleza, juventude e longevidade povoam as academias de ginásticas, os parques e praças para realização de algum tipo de atividade física. A atividade física, dita moderada, deixou de ser apenas uma forma de adquirir aptidão física e passou a ser vista como promotora de um estilo de vida saudável. Segundo os especialistas da área (educadores físicos, médicos, fisioterapeutas etc.), através da atividade física é possível alcançar e mesmo modificar comportamentos considerados “perigosos da vida moderna”.

A disciplina do corpo pela ginástica e pelo esporte revela, assim, a presença do poder em ‘(...) toda superfície que se estende do orgânico ao biológico, do corpo à população, mediante o jogo duplo das tecnologias de disciplina de

uma parte, e das tecnologias de regulamentação de outra.’ O que são hoje os alertas sempre mais alarmantes contra a obesidade e o sedentarismo das populações? A palavra de ordem é ‘livrar-se’, livrar-se dos excessos da alimentação, dos vícios, uma vez que eles sobrecarregam a previdência, oneram as seguradoras, diminuem a expectativa de vida das populações! É, portanto, necessário agitar-se! Os programas são agora globais, e o novo higienismo não somente é aceito, como incorporado à vida cotidiana. (SOARES, 2006: 80).

Naturaliza-se a idéia da *boa forma*, da prática de ginástica e das dietas<sup>3</sup> como conquista e manutenção da qualidade de vida. Nos anos de 1990, praticamente todas as pessoas fazem ou fizeram algum tipo de dieta e praticam algum tipo de atividade física. Seja para emagrecer, engordar, diminuir o colesterol, aumentar a massa muscular, controlar a pressão arterial, com fins estéticos, etc. Porém, “emagrecer parece ser uma das grandes preocupações da humanidade que envolve homens e mulheres, jovens e adultos.” (ANDRADE, 2003, p. 112). O discurso da beleza confunde-se com o da saúde. O discurso médico é apropriado com frequência pelos esteticistas e pela indústria da beleza. A medicina enquanto uma prática voltada para o bem estar dos indivíduos e para a saúde, comumente, indica a atividade física e a dieta como uma prática preventiva às doenças, sobretudo, as cardíacas e ósseas. A idéia do indivíduo ativo e saudável é manipulada de todas as formas pelos defensores e idealizadores do chamado “corpo perfeito”.

Em contrapartida há também parte do público que, além de se ver atingido pelo discurso publicitário, também justifica as suas atitudes em nome da beleza como simples cuidado com a saúde. E, assim, na ânsia da conquista da longevidade, e com qualidade, sequer se questiona a forma com que os discursos são produzidos. Embarca-se na procura dos novos padrões de beleza.

Ter um corpo trabalhado, está na ordem do dia e não é à toa que o verbo mais empregado é ‘malhar.’ Malhar como se malha o ferro, malhar significando o intenso esforço embutido nesse significante. Trabalhar diferentes partes do corpo que precisam ser modificadas. Do joelho ao culote, do braço à panturrilha, o corpo é visto como fragmento; cada parte podendo ser reesculpida, consertada, desconectada de um todo. (DEL PRIORE, 2000: 92).

---

<sup>3</sup> Embora, no final do século XVI, já existisse alusão às dietas, o mais comum era a presença de corpos mais cheios. Interferir no corpo naquele momento não era uma atitude bem aceita, pois, acreditava-se que a beleza era dada por Deus, e por isso a mulher não precisava do uso de artifício. Porém, algumas mulheres já buscavam manter o “talhe esbelto” através do espartilho ou de regimes alimentares. No século XIX, havia menção aos diferentes métodos voltados para a mulher não engordar. “A Enciclopédia ilustrada das elegâncias femininas propõe, sob esse aspecto, sete métodos diferentes, em 1892. La Vie Parisienne, oito, em 1896, o Carnet Féminin, dez em 1903.” (VIGARELLO, 2006, p.131).

O sacrifício vivenciado pelas mulheres, do final do século XX, para se manterem próximas ao chamado padrão de beleza, de certo modo lembra o mito de Procusto.<sup>4</sup> Nesse mito existe o relato de que os gregos, ao transitarem entre as cidades de Atenas e Mégara, freqüentemente se deparavam com um bando de bandidos liderados por Procusto. Esses bandidos prendiam e saqueavam os viajantes. Porém, uma característica marcava a crueldade do bando: eles obrigavam os viajantes a se deitarem em um leito onde eles tinham seus corpos moldados pela medida da cama. Os pequenos teriam seus corpos distendidos até atingirem o tamanho da cama. Os grandes, cujos membros ultrapassariam o comprimento da cama, seriam mutilados, de forma a se adequarem ao tamanho do leito. Todos os corpos tornavam-se uniformes, mesmo que não sobrevivessem à tamanha violência.

Na atualidade, podemos questionar: será que as mulheres não procuram seus próprios leitos de Procusto? Quais os sacrifícios que não podem ser assumidos em nome da elegância? Quais sentidos que cercam os discursos sobre as mulheres que ousam não seguir os modelos de beleza sacralizados nas épocas em que vivem? Quais os sacrifícios assumidos para a adaptação ao padrão tido como belo? Não existe certa semelhança entre as inseguranças dos viajantes gregos, ao transitarem por caminhos desconhecidos, e o uso que as mulheres fazem de dietas e remédios desconhecidos, lançados no mercado sem estudos que garantam a segurança de seus usos? Isso também não parece assustador? Não seria também violenta essa necessidade da mulher moldar seu corpo dentro de um padrão? Como adequar as roupas exibidas nas vitrines aos olhares e aos corpos das mulheres que se encontram acima do peso? Recorrer às cirurgias plásticas ou aos exercícios rigorosos das academias, para adequar o corpo às medidas exatas do manequim da loja, considerado o corpo ideal, não seria uma mutilação do corpo? A mídia do final do século XX não pode ser comparada a Procusto? Uma vez que dita um modelo de beleza, que exige da mulher a busca incessante por uma “boa forma” e a necessidade de manter-se eternamente jovem? Não é possível comparar os sofisticados equipamentos de ginástica, que moldam e esquadrinham os corpos, nas modernas academias, com o leito de Procusto?

---

<sup>4</sup> Sobre mitologia grega consultar: BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1991, 2.vols. e GRIMAL, Pierre. **A mitologia grega**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

É possível ignorar a existência dessas novas experiências na história do tempo presente?

Os novos artefatos de Procusto convivem harmoniosamente nas diferentes sociedades do final do século XX. Os membros dos seres humanos, neste caso, não são extirpados com vista à adequação dos corpos ao leito de Procusto, mas, sim, o excesso de peso deve ser eliminado, seja através das dietas, dos remédios<sup>5</sup>, das atividades físicas ou das intervenções cirúrgicas.

Sem dúvida, o olhar sobre o corpo não é recente, porém, essa lipofobia parece ser algo bem mais recente. Enquanto os muito pobres lutam para conseguir alimento suficiente para garantir a sobrevivência, os mais ricos vivem em busca de dietas ou remédios para emagrecer. No final do século XX, ser gordo não representa mais saúde e prosperidade. Ser gordo representa descuido, que exige ajuste ou disfarce, quer seja em nome da saúde ou da beleza.

Contornos de um mundo que investe na multiplicidade de escolhas, os olhares dirigidos aos espelhos, no tempo presente, determinam uma perspectiva única de beleza. A beleza construída a partir dos corpos bem definidos e malhados, através das silhuetas delgadas, dos seios firmes e arredondados, siliconados na maioria.

Nas academias, os corpos femininos se deparam com as tecnologias individualizantes destinadas a cada parte do corpo ou mesmo com os serviços do *personal trainer*. As mulheres convivem com a tentativa de “ajustamento” do corpo ao modelo tido como ideal: abdômen “tanquinho”, músculos bem definidos e ausência de flacidez. Porém, “os resultados dos exercícios de academia, inevitavelmente, só podem chegar ao artifício da imagem corporal, uma vez que o corpo construído pelos aparelhos (re)vela deslocamentos incessantes”. (GARCIA, 2005, p. 24-25).

A história do corpo e do feminino no Brasil contemporâneo se relaciona com as apropriações do conceito de beleza. Este conceito deverá, com o passar dos anos, construir outros sentidos, projetar outras imagens para os espelhos do mundo, para a história. Os significados da beleza, dos corpos e suas histórias são provisórios e construídos, como vimos, social e culturalmente.

---

<sup>5</sup> Toda vez que se fala em medicação, supomos que haja indicação médica. O Brasil consome 90% da produção mundial de fenproporex e, na maioria dos casos, para pessoas que precisam ou querem emagrecer poucos quilos por questões estéticas. ([mailton:tommaso@terra.com.br](mailto:mailton:tommaso@terra.com.br). Acesso em: 05/03/2007).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Santos Sandra. “Mídia impressa e educação de corpos femininos.” In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs). **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis, Vozes, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1991, 2.vols.
- DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a Mulher**. Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: SENAC, 2000.
- FRAGA, Alex Branco. **Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa**. São Paulo: Autores associados, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- GARCIA, Wilton. **Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos**. São Paulo: Thomson, 2005.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. “A produção cultural do corpo.” In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis, Vozes, 2003.
- GOLDENBERG, Mirian (org). **Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GRIMAL, Pierre. **A mitologia grega**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SANT’AANA, Denise B de. (org). **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SANT’AANA, Denise, “Descobrir o corpo: uma história sem fim”. **Educação e realidade**, vol.25, jul.-dez., p. 49/58. Porto Alegre. [s.e.]. 2000.
- SIBILIA, Paula: “Imagens da Beleza pura: o corpo digitalizado.” Festival Internacional de Linguagem eletrônica. 2007.
- SOARES, Carmen Lúcia (org). **Corpo e História**. 3 ed. São Paulo: Autores Associados, 2006.
- VIGARELLO, Georges. **História da Beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- VINCENT, Gérard; PROST, Antoine. **História da vida Privada: da Primeira Guerra a nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

## OUTROS

Isto É, Editora Três, 15/11/1997.

Isto É, Editora Três, 28 /11/2007.

Marie Claire, Edição 103, out/99.

Veja, Abril, 06/2/2008.

Veja, Abril, (Disponível em: <http://www.veja.com.br/> Acesso em: outubro 2007).

mailton:tommaso@terra.com.br. Acesso em: 05/03/2007.